

Brasília reestudada

Durante quase três meses, o novo Governador da cidade e seus auxiliares diretos dedicaram-se, silenciosamente, a um trabalho metódico de decantação dos problemas que teriam de enfrentar nos próximos anos.

Sem conhecê-los, primeiro; nos seus aspectos genéricos, nenhum administrador poderia descer a detalhes técnicos, sem os riscos de cometer erros ou incidir sobre os já existentes.

Uma falsa apreciação a que fatalmente ficam sujeitos os observadores que se satisfazem com uma visão panorâmica das cidades estranhas à sua vivência cotidiana, traria consequências muito próximas de um fracasso inevitável.

Devemos, por isso, compreender a cautelosa orientação do Governador Elmo Farias, que preferiu lançar sua equipe a um contato mais prolongado com as peculiaridades locais, antes de anunciar qualquer providência relacionada com a sua ação.

A entrevista ontem divulgada pelos órgãos de comunicação social representa, assim, uma primeira tomada de posição, ainda cercada de cuidados, o que caracteriza a natural prudência do administrador.

Algumas perguntas da reportagem presente ao encontro do Palácio Buriti foram contornadas ou adiadas para ocasião mais propícia, quando o entrevistado tiver em mãos os elementos que lhe faltam no momento, porque só serão completados, e revelados, quando os estudos e pesquisas em andamento estiverem concluídos.

O próprio Governador foi explícito, nesse sentido, ao reconhecer inicialmente que não iria apresentar planos ...abolantes e sim uma simples prestação de contas dos seus primeiros oitenta e três dias de mandato.

Mas o que ele nos ofereceu foi o suficiente para demonstrar que o Distrito Federal possui à sua frente um Governador atento e disposto a dotá-lo das condições mínimas indispensáveis para que possa ostentar, com garbo, o título de sede da Capital da República.

Antes de mais nada, cabe-nos saudar a iniciativa do Governador em promover o reencontro da cidade com os seus dois famosos artífices: Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Afastados de sua obra por idiosincrasias ocasionais, mais de ordem interpretativa do que técnica, o urbanista e o arquiteto voltam a colaborar na tarefa de aperfeiçoar a continuidade urbanística e arquitetônica de Brasília, a que quiseram emprestar contornos de monumentalidade, nem sempre compreendidos pelo acanhamento de vista dos menos ambiciosos.

Metrópole eminentemente político-administrativa, como reconheceu o Governador Elmo Fa-

rias em sua primeira entrevista coletiva, Brasília tem de receber um tratamento singular e consentâneo com a sua índole histórica.

Por essa razão fundamental o Governador procurou contato com o professor Lúcio Costa, determinando, em seguida, o reestudo do planejamento de Brasília, que será assessorado pelo seu construtor.

Daí a necessidade de reforçar a *Novacao*, pioneira no erguimento da Capital, a que lançou os primeiros alicerces, na época heróica do chamado ritmo de Brasília.

Voltando sua atenção para a Asa Norte, que jamais poderia ter deixado de ser a irmã gêmea da Asa Sul, o Governador pretende atacar com urgência os trabalhos de infra-estrutura e de urbanização, dedicando-lhe, já no decorrer deste ano, substanciais recursos materiais e financeiros.

Não pode, nem nunca poderia ter havido diferença entre um e o outro lado do Plano Piloto, porque ambos são partes de um mesmo todo.

No entanto, foi o que aconteceu: o setor da Asa Norte passou a ser o primo pobre do Plano, contra toda a doutrina da concepção original.

Mesmo a Asa Sul, muito embora o singular protecionismo, viu-se mutilada de maneira incompreensível, como é o caso do Teatro Nacional, convertido num aleijão, quase uma dolorosa tapera, enquanto se tangem as mais nobres correntes artísticas que nos visitam para o pica-deiro de um estádio esportivo.

Outro montão de ferro velho e cimento é a Ponte Costa e Silva, cujos destroços têm apenas a virtude de enfeiar, ao mesmo tempo, o lago e a cidade.

O Governador anunciou que pretende entregar o teatro à cidade em 1976, e a ponte dentro de vinte meses.

Citamos essas duas obras por se encontrarem abandonadas e inconclusas há anos, numa inexplicável exibição de desprezo pela fisionomia da Capital, que queremos sobranceira e bela, e não flagelada com cicatrizes mórbidas.

Isso quanto à forma, já que, no fundo o Governador abordou todas as fases construtivas que nos interessam: da racionalização do crescimento das cidades-satélites ao menor abandono, do cinturão verde ao ensino, do tráfego tumultuado e irracional à assistência médico-hospitalar, do financiamento rural à criação de um núcleo agropecuário, dos transportes coletivos ao abastecimento da população. Agora, é executar o planejado.